

À PROCURA DE UMA LINGUAGEM INDUZIDA,

EXISTENCIAL

Prof. Antônio Piza Netto

O homem atual vive num contexto crítico, enformado por tensões de toda ordem, mas sem a consciência crítica da sua própria realidade.

Envolto em crises, mas despreparado totalmente para questioná-las, o homem despersonaliza-se como sujeito da sua história, empobrece como pessoa e auspícia um futuro sem diálogo, vazio enorme de massas inconscientes e pré-formadas. É a acomodação generalizada, a inconsciência crítica. É a história acontecendo sem a linguagem do homem. É a história muda de homens descarnados, rastejando como espectadores, sem subjetividade, caricaturas ilustres e ilustres vítimas - porque coroados de inúmeros direitos e deveres falados por sofisticados sistemas de metalinguagens econômicas, políticas e sociais, destituídos de realismo.

No entanto, o homem anseia por ser ouvido. Não deseja e não pode ser totalmente expresso por sinais - mesmo os mais bem organizados - por governos, ideologias e tecnocratas. O homem existencial está na expectativa de uma linguagem genuína, nascida da sua própria história assumida responsabilmente e, desta forma, possibilidade de comunicação efetiva.

O pior que pode acontecer ao homem, em qualquer situação, é descrever de si mesmo, da sua humanidade, da sua criatividade, do seu caminhar!

Quando a linguagem do homem não o comunica mais, ela se transforma em grotescos arranjos de vazios, repletos de inutilidades e de perdas. Metamorfoseia-se em demagogia e oportunismo, objetiviza o homem, no afã de enquadrá-lo em fórmulas e esquemas pré-montados, à mercê dos poderosos.

Nossa realidade histórico-social oferece constatações relativas à pobreza espiritual e humana do homem, transformado em objeto, mercantilizado por uma civilização de consumo. E o diálogo crítico, talvez a única linguagem dignificadora do homem, está ausente, não é aprendida, nem pelas elites preocupadas em preservar um estado de coisas, nem pelo povo, a comodado a enganadoras e falazes situações de segurança.

O homem perde gradativamente o contato natural com os fatos e a sua própria história. Fala muito - por isso diz muitas inverdades. Diz apenas palavras que nada significam. Ou significam coisas que não são. Afunda-se em exterioridades, formas, que - por não corresponderem às reais necessidades e exigências humanas -, complicam a vida e impedem o desenvolvimento desejado do próprio processo histórico.

Além das preferências ou dualismos que separam estu-
diosos frente à linguagem formal ou existencial, interessa re-

almente o estado do homem e de seu ambiente, que precisa ser interpretado, compreendido e projetado.

É certo que nenhum esquema fechado de linguagem - mesmo otimizado em formas, as mais claras e objetivas -, poderá traduzir, interpretar a variável grandeza e multiplicidade da vida humana. Será sempre um fantasma querer abarcar toda realidade humana em esquemas a priori montados. A tudo resiste a linguagem espontânea, aberta e livre. A percepção pessoal, interior e existencial, que respeita o indivíduo e a realidade, está grandemente alijada do convívio humano. Fala-se muito às paredes, pouco para as pessoas. Propõem-se sempre, ou na maioria das vezes, uma linguagem acabada, pronta, tecnicizada. Ela é vazia de criatividade e participação. É como uma gramática morta. Cheia de acertos e verdades não sentidos, por isso mesmo, despercebidos. Conduz à acomodação, ao espírito de massa, à alienação.

A linguagem que não deforma o objeto, comunica, satisfaz, é fiel. Torna-se como expressão pura, verdadeira e inequívoca da realidade. Nada deixa a desejar. Mostra-se na sua pureza e evidência. Mas até onde tal genuidade é possível?

Uma linguagem à 2ª potência, se esvazia na medida em que absolutiza os instrumentos, o veículo, a língua, aprisionando percepções e idéias, impondo formas pré-fabricadas e convencionais, "fechando" a própria natureza original do ser e da sua manifestação.

A linguagem formal muitas vezes não comunica o homem existencial. Como um grande círculo, hermético e fechado, ela pretende ser um sistema que se auto-justifica. E então cria um dualismo fatal - o homem pelo sistema, o homem no sistema. Isto gera aparente segurança, mas tem efeitos desastrosos. Empobrece e limita o homem, impondo frases feitas, juízos feitos, convencionados, despídos de espírito, sem pensamento. Produz uma linguagem insignificante que não permite o esforço de decodificação pelo outro (receptor); impede o verdadeiro diálogo, destrói a reciprocidade, a subjetividade. Aliena indivíduos e grupos. Não se pode decifrar a realidade do homem segundo um sistema de sinais prontos. Fazê-lo é desumanizar, na medida em que leva o homem a não pensar e a não sentir. É um mecanicismo de linguagem. As palavras já não dizem o que pensamos, percebemos e sentimos - são mentirosas. A língua não abarca os "significantes" - mas universaliza os significados. A palavra cuida de tudo, "faz todas as coisas": então se torna uma metafísica. Como metalinguagem absoluta, fechada sobre si, pode, a cada momento, justificar-se. Possui status científico, mas pouca vida... Instituída sobre o ser e suas manifestações, perde sua sensibilidade óptica

- a alma das únicas genuínas percepções.

Muito preocupados em definir, nós limitamos, asfixiamos e massificamos. Castramos e ser e suas manifestações. Daí termos instaurado o monólogo com as coisas prontas como forma de pensar, agir e ser. O humilde e substancial princípio de Sócrates - Conhece-te a ti mesmo -, fonte e possibilidade de diálogo, está longe de inspirar homens e grupos. Consumir e ser consumido - sem inspiração e criatividade - marca nossa civilização. Mas é certo que o homem se liberta na medida em que se comunica, se auto-significa pela linguagem, pela expressão adequada de si mesmo e do universo...

Como o homem pode chegar a uma linguagem-expressão existencial? Não, é certo, tentando simplesmente o projeto de uma língua universal, num outro mundo, numa volta ao pensamento teo-ontológico das essências prontas e definidas, buscando um logos-essência, pouco acessível à manifestação existencial do homem atual.

Nem resolve revoltar-se contra a "palavra dada", e ir em busca do "Sermão da Montanha", ou do primeiro logos - cujo significado o homem não experimenta, e cujo significado inicial perdeu.

A linguagem humana será sempre ambígua - "é o duplo do ser" -, ser coisa e ser idéia. A palavra torna-se instrumento adequado de expressão, na medida em que o homem capta as "palavras surdas", que o ser murmura.

Somente na medida em que a língua se torna repositório da genuína expressão humana, ela socorre o pensamento, estabelecendo-se como elo de união, entre o homem e o universo. Desenterrar a linguagem original das coisas permitiria uma expressão verdadeira. Mas tal pretensão levada à língua universal, é certamente um mito.

Concluindo, poderíamos dizer que o pensamento não se perde nas palavras, porque elas são apenas veículo do que nelas colocamos. O pensamento do homem é um estar lá ou aí, para perceber. Além nada existe. O pensamento torna as coisas significativas, enquanto as existencializa e intuí.

É claro que não se resguarda, na linguagem induzida e existencial, a clareza das palavras previamente escolhidas (apenas significados). Mas, parece correto, que uma linguagem fechada, que nada comunica, não é linguagem.

Merleau-Ponty ressalta o enorme valor da linguagem experimental. Ambígua, mas rica. Contraditória, mas respeitosa e humana. Linguagem induzida, pessoal e diferenciada. Seu

método - a indução e a intuição, ao invés da dedução.(1)

A que distância desta linguagem original e humana estamos? Em nossa educação, quanto tempo perdido com montões de palavras despidas de significado!

Monólogos, monólogos e mais monólogos - famintos de diálogo!

Pessoas buscando comunicação, esquecidas de que são e precisam ser linguagem!

(1) MERLEAU-PONTY, M., *O HOMEM E A COMUNICAÇÃO. A PROSA DO MUNDO*. Bloch Editores S.A., Rio de Janeiro, 1974, pgs. 1-30.

]]]]]]]]]]]]

]]]]

]]

]